



Famílias, vivências afetivas e educação não escolar em dinâmicas de mestiçagem: trânsitos, mobilidades e conexões na Ibero-América (c. 1750-c.1800)

Families, affective experiences, and non-school education outside in dynamics of racial mixture: transits, mobilities, and connections in Ibero-America (c. 1750-c. 1800)

Familias, vivencias afectivas y educación no escolar en las dinámicas de mestizaje: tránsitos, movilidades y conexiones en Iberoamérica (c. 1750-c. 1800)

Fabício Vinhas Manini Angelo
Universidade do Estado de Minas Gerais (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0001-5265-1233>
<http://lattes.cnpq.br/0353283438071098>
fabricao.angelo@uemg.br

Resumo

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de pós-doutorado realizada na UFMG entre 2021 e 2023, que compara o papel das famílias na educação de seus descendentes entre diversas partes da Ibero-América entre 1720 e 1820. A pesquisa abrange temas como História da Família, História da Educação e História das Emoções. Foram consultados registros imagéticos e escritos, incluindo quadros de castas da América hispânica, relatos de viajantes, cronistas e militares no Brasil, além de testamentos e inventários mineiros do século XVIII. Inspirada por Sanjay Subrahmanyam, Serge Gruzinski, Eduardo França Paiva e Thais Nivia de Lima e Fonseca, a pesquisa busca entender conexões globais do papel educativo da família para além das instituições escolares da época. O foco é analisar o papel das famílias na educação das futuras gerações, considerando a historiografia sobre vivências afetivas e mudanças no significado atribuído à família e às crianças no período moderno, bem como as práticas e estratégias educativas familiares.

Palavras-chave: Família; Educação; Ibero-América.

Abstract

This work presents interim results of a post-doctoral research carried out at UFMG between 2021 and 2023, which compares the role of families as educational agents between several parts of Ibero-America between 1720 and 1820. The research covers themes such as History of Family, History of Education, and History of Emotions. Image and written records were consulted, including paintings of castes from Hispanic America, accounts from travelers, chroniclers, and military members in Brazil, in addition to wills and inventories from Minas Gerais in the 18th century. Inspired by Sanjay Subrahmanyam, Serge Gruzinski, Eduardo França Paiva, and Thais Nivia de Lima e Fonseca, the research aims to understand global connections and educational phenomena of families as educational institutions apart from school from that period. The focus is to analyze the role of families in education of future generations, considering historiography on affective experiences and changes in the meaning attributed to family and children in the modern period, as well as family educational practices and strategies.

Keywords: Family; Education; Ibero-America.

Resumen

Este ensayo presenta resultados parciales de una investigación de posdoctorado realizada en la UFMG entre 2021 y 2023, que compara el papel de las familias como agentes educativos entre distintas zonas de Iberoamérica entre 1720 y 1820. La investigación abarca temas como la Historia Familiar, la Historia de la Educación y la Historia de las Emociones. Se consultaron registros de imágenes y escritos, incluidos los cuadros de castas de la Hispanoamérica, testimonios de viajeros, cronistas y oficiales militares de Brasil, además de testamentos e inventarios mineros del siglo XVIII. Inspirada por Sanjay Subrahmanyam, Serge Gruzinski, Eduardo França Paiva y Thais Nivia de Lima e Fonseca, la investigación tiene por objeto comprender las conexiones globales y los fenómenos de la familia educativa más allá de las instituciones escolares de la época. El enfoque se centra en el análisis del papel de las familias en la educación de las generaciones futuras, considerando la historiografía acerca de las vivencias afectivas y los cambios en el significado atribuido a la familia y a los hijos en la época moderna, así como las prácticas y estrategias educativas familiares.

Palabras clave: Familia; Educación; Iberoamérica.

Recebido: 19/11/2025

Aprovado: 22/04/2025

Introdução

O presente trabalho traz a público resultados parciais de um projeto de pesquisa de pós-doutoramento desenvolvido durante o período entre 2021 e 2023 junto ao Programa de Pós-Graduação em História (PPG História) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trata-se de um estudo acerca da História da Família, da História da Educação e da História das Emoções¹ que utilizou comparações como método para compreender as conexões entre diferentes regiões da Ibero-América entre 1720 e 1820. Durante a pesquisa foram analisados registros imagéticos de várias partes da Ibero-América em conjunto com os diários de viajantes e os testamentos e inventários post-mortem de cerca de 1720 até cerca de 1820. Porém, para o presente trabalho trabalharemos com os quadros de castas da América hispânica e parte dos testamentos mineiros entre cerca de 1750 até cerca de 1800.

O caminho metodológico seguido foi o da comparação, a fim de compreender como as histórias estão conectadas, como sugeridas pioneiramente por Sanjay Subrahmanyam e, posteriormente desenvolvidas com ênfases distintas, por Serge Gruzinski e Eduardo França Paiva². No desenvolvimento desta pesquisa, foi possível constatar que a comparação é um instrumento fundamental para a compreensão das semelhanças e diferenças entre contextos educacionais, especialmente no espaço familiar, enfatizado neste estudo. Além disso, a comparação permite delinear como a família se organiza para se manter e para alimentar, educar e instruir suas futuras gerações. O presente trabalho filia-se à historiografia³ mais recente da História da Educação do período moderno, que busca compreender o papel de diversas instâncias e instituições, como irmandades leigas, tutores, mulheres, famílias etc., na educação das crianças, dos órfãos e das novas gerações e os sentidos atribuídos à educação daquele período. Portanto, o presente trabalho rompe com visões que muito vezes encerram a educação nas instituições escolares do período, principalmente, os colégios jesuítas ou quando buscam compreender os fenômenos educativos a partir das ações do Estado português, principalmente, após as reformas pombalinas. O que buscamos aqui é realizar um caminho inverso e compreender primeiramente como as famílias se constituíam e quais mensagens educativas buscavam passar às próximas gerações sem, necessariamente, se utilizar de uma instituição educativa, ainda que pudessem utilizar de uma ou várias dessas instituições educativas. Estamos tratando, então, da Educação como ocorria no seio familiar, ainda que ela, a família, utiliza-se de instituições escolares do período como os colégios, as universidades ou os recolhimentos.

Uma parte dessa historiografia acabou por se reunir em torno da liderança de Thais Nivia de Lima e Fonseca e as contribuições de seus estudos⁴. No caso específico deste trabalho, a ênfase se dará na análise do papel das famílias na educação de suas futuras gerações, considerando como a historiografia, que nos interessa, tem tratado as vivências afetivas e a História das Emoções, a História da Família, a História da Educação, o processo de mudança no sentido atribuído à família e às crianças ao longo do período moderno e o papel da família nas práticas e estratégias educativas. A partir desse quadro, foi possível analisar as mudanças na vida familiar, as mobilidades e os trânsitos vividos pelos indivíduos e pelas famílias enfocando o seu papel nas práticas e nas estratégias educativas, permeadas pelas vivências afetivas.

¹ Entre os trabalhos deste campo que influenciam o presente artigo: Corbin; Courtine; Vigarello (2020) e Rosenwein (2011).

² Entre esses trabalhos podemos citar Subrahmanyam (1997); Xavier e Santos (2007); Gruzinski (2001a; 2001b; 2014); Bernand e Gruzinski (1997; 2006); Paiva (2001; 2008; 2009; 2015); Paiva, Anastasia (2002); Paiva e Ivo (2008); Paiva, Ivo e Martins (2010); e Paiva e Cerceau Netto (2011).

³ Entre os trabalhos dessa historiografia, podemos citar: Angelo (2021a; 2021b); Gorgulho (2011; 2020); Silva (2011); Cunha (2006; 2007; 2008); Paula (2016); Julio (2008; 2017) e, mais recentemente, Marques (2020).

⁴ Podemos citar o trabalho fundante de Fonseca (2006; 2008; 2009a; 2009b;) e Fonseca e Veiga (2003).

A partir dessa constatação, talvez seja possível dizer, de maneira mais ampla, quem eram as famílias da época ou aqueles que eram educados pelas famílias naquele período. Obviamente, com isto, não se está dizendo que será feita uma pesquisa exaustiva sobre cada uma das personalidades aqui tratadas neste momento, mas apenas pequenos inventários buscando indicar características comuns a partir do que a historiografia vem debatendo a respeito.⁵ Por fim, a partir dos textos consultados, sugere-se a compreensão que esses agentes históricos tinham da educação, bem como o papel da educação para a humanidade em geral e para eles próprios. Nesse contexto, ressalta-se a relevância do objetivo deste trabalho e, a partir dessa perspectiva, busca-se frisar a importância de estudos que possibilitem compreender o significado da educação para os diversos agentes históricos que estavam em contato com o mundo das letras no período. Além disso, há a intensão de contribuir para o desenvolvimento da História da Educação em tempos pretéritos nas Minas do Ouro setecentista e suas conexões com o restante da Ibero-América.

1. A família mestiçada nas Américas: seus aspectos culturais, sociais e sentimentais

O debate teórico mais amplo sobre as mestiçagens, tanto biológica quanto cultural, é o ponto de partida desse artigo. Durante muito tempo e ainda hoje, diversos juízos de valor foram atribuídos às mesclas ao longo da história. Esses fenômenos culturais se constituíram e ainda se constituem como elementos importantes na formação de conceitos sobre pessoas e culturas, que, de maneira simplista, foram e são compreendidas como puras, mas estão longe dessa simplicidade. Índícios disso podem ser encontrados nos documentos que aqui analisaremos. Nas fontes, é possível perceber que mestiços culturais e biológicos se interrogaram sobre a perenidade de suas tradições. Obviamente, cada mestiço ou grupo, à sua maneira, entendeu as variantes de uma cultura ocidental enxertada em tradições extraeuropeias⁶. Por isso, mestiços se reconheceram nos dois lados do espelho: eles são aqueles que estão no *between* dos mundos.

Nesse sentido, um estudo sobre as emoções, sobre as famílias e sobre as práticas e estratégias educativas nas sociedades americanas do período moderno em geral, mas em Minas em específico, pode representar um avanço na reflexão sobre a multiplicidade de experiências educativas vividas no período. As *dinâmicas de mestiçagem* na Ibero-América transpassa todas as relações e é assim definida por Eduardo França Paiva:

As dinâmicas de mestiçagens, então, foram as práticas históricas que moldaram o cotidiano das relações sociais na Ibero-América, forjando sociedades profundamente e indelevelmente mestiçadas. [Portanto, é importante] compreender, definir e identificar os construtores não mestiços de sociedades marcadamente mescladas biológica e culturalmente. A intensa e frenética presença de mestiços e não mestiços em quadros sociais que se repetiam em várias regiões ibero-americanas, principalmente nas mais urbanizadas, resultaram, por exemplo, em incontáveis núcleos familiares e/ou de convivência, dois fundamentos dessa sociedade, que ao longo do tempo fomentaram mais e mais as mesclas entre gentes e entre culturas (PAIVA, 2015a, p. 42-3).

⁵ A historiografia sobre o tema é longa e, neste artigo foi baseada nos textos de Boto (1996; 2015); Carvalho (1963; 1986; 1978); Dias (1978); Domingues (2001); Fonseca (2009b); Furtado (2012); Hansen (2000); Moraes (2007); Paiva (2000); Russell (1977); Villalta (1997; 2011); Villalta, Moraes e Martins (2015); Zuribi (2004).

⁶ Por extraeuropeias entendemos, no contexto estudado, americanos, africanos e asiáticos.

Para isso, é impossível não levar em consideração as vivências afetivas, a intimidade doméstica, as relações subjetivas, pessoais harmoniosas, é claro, mas também conflituosas. Mais uma vez, Paiva (2015a) aponta um caminho:

[n]o espaço comum, formavam-se verdadeiras redes de contatos e de informações, que envolviam gente de ‘qualidades’ e ‘condições’ diversas, propiciando o surgimento de relações afetivas, de famílias, amizades e negócios, assim como a circulação de ideias e informações de todos os tipos, além de potencializar o vigor das misturas biológico-culturais (PAIVA, 2015a, p. 41-42).

A descoberta do ouro e o afluxo de pessoas que para Minas vieram transformaram a região em autêntico crisol de experiências e de possibilidades. Nesse ambiente, forjou-se uma realidade mestiçada, com dinâmica e dimensão desconhecidas até então, não só para a América como para várias outras partes do mundo. A contribuição de africanos de diversas etnias, brancos europeus e dos nativos da terra americana foi indispensável para forjar sociedades *sui generis*, ainda que algumas dessas guardem diferenças não desprezíveis, as conexões são por demais evidentes.

Por esse viés, é importante pensar os cativos, os seus senhores e os outros agentes históricos envolvidos nessa realidade de outra forma, ou seja, para além dos esquemas bipolarizados apresentados por alguns historiadores⁷. Obviamente, ao estabelecer um recorte temporal e espacial específico, não estamos excluindo as conexões histórias entre Minas e as diversas partes do globo naquele período, a intenção aqui é tornar exequível a tarefa, por si só, já bastante complexa e poucas vezes realizada no cotidiano da pesquisa acadêmica. Nesse sentido, as comparações são importantes mecanismos de compreensão de muitos dos fenômenos aqui analisados, especialmente aqueles relacionados às famílias, à vida doméstica, às vivências afetivas e às práticas e estratégias educativas estabelecidas no seio familiar para além da utilização ou frequência às instituições educativas do período, especialmente, aos professores de diversas matérias ou conteúdos, aos colégios e aos recolhimentos.

Notaremos, mais adiante, quando passarmos à análise das fontes propriamente ditas, que, como qualquer momento da história, vive-se uma transição do universo afetivo naquele período. Em algumas regiões, as vivências afetivas não parecem ter regras muito claras, pois não tem um sentido muito claro. No entanto, em outras regiões, mais claramente vigiadas, fiscalizadas pelas autoridades responsáveis pelas normas e bons costumes (a Igreja Católica ou a Coroa representadas pelas autoridades locais), é possível observar famílias se organizando em círculos concêntricos relativamente rígidos; há, também, regiões em que as vivências afetivas são vividas/experimentadas de maneira fluida ou desregrada. Portanto, a organização mais bipolar da sociedade que pode antecipar em algumas décadas aquilo que será mais bem visualizado ao longo do século XIX, que é a separação da vida em esfera pública (racional, fria e masculina) e a esfera privada (afetiva, sentimental, marcada por relações pessoais e permeadas de afetos e feminina), que nem sempre estará presente nesse momento histórico investigado.

A casa era um espaço onde diferentes pessoas estavam em contato cotidianamente. Evidentemente, elas poderiam se ver como membros de uma mesma família e, eventualmente, constituírem uma família consanguínea ou nuclear. Membros consanguíneos de uma mesma família poderiam ser habitantes de casas distintas, mas ainda assim se reconhecerem como membros de uma mesma família e compartilhar memórias e vivências afetivas e até mesmo estratégias na busca por distinção social que seria concretizada em uma geração futura.

⁷ Genovese (1983); Guimarães (1989; 1996); Souza (2004).

2. A vida familiar na América hispânica pelos quadros de castas

Com tudo o que foi apresentado, passa ser importante analisarmos algumas das fontes que contribuíram para a concepção de família anteriormente formulada. Nesse sentido, um primeiro conjunto de fontes importantes para a reflexão aqui traçada são os quadros de castas⁸. Os quadros de castas surgem no momento em que o Iluminismo também chega às Américas, ao longo do século XVIII até o início do século XIX, e tem um claro sentido taxonômico ou classificatório⁹. Os quadros são produzidos em séries de 16 ou 20 telas e em cada qual é apresentado uma casa ou uma família simbolizada por uma habitação ou algum tipo de negócio e o casal fundador daquela casa e o resultado da fusão desses casais de castas distintas, ou seja, o fruto (filho/os) dessa união sempre indicando o pertencimento étnico-racial dos pais e nomeando o resultado (étnico-racial/casta) da união. Em algumas séries é possível perceber um texto indicando o temperamento ou comportamento do fruto da união. As coleções parecem buscar a ordem, a regularidade daquilo que, de fato, deveria ser um caldeirão cultural e biológico um tanto quando caótico, apesar das tentativas de ordenamento que a coroa espanhola tentou impor e mesmo os trabalhos dos artistas aqui investigados, de certa forma, buscavam ordenar e classificar aquela realidade. Os quadros, em geral, buscam estabelecer uma hierarquia social, atribuindo comportamentos, sentimentos, personalidades, ofícios e recursos para os grupos sociais distintos com níveis distintos de mestiçagem.

Sendo assim, em geral, temos castas “biológicas”, naturalmente mais abastadas, que tem os ofícios mais teóricos, que apresentam criados em suas casas de família. Trata-se de famílias ou grupos mais abastados mais próximos da elite branca/espanhola ou crioula. No outro extremo, temos casas de camadas mais populares, por vezes apresentando elementos de pobreza, como roupas rasgadas, ofícios mais manuais ou venda de produtos e relações familiares marcadas pela inconstância, por brigas e desentendimentos. Além disso, os quadros, algumas vezes, trazem leituras comportamentais dessas castas: comportamento mais ordenado, cordial, simples ou educado para as castas superiores, e comportamentos relacionados ao abuso de álcool ou outros vícios, como jogos, tabaco para as castas mais populares.

⁸ Segundo Santelli (2016), os quadros de castas foram: “a produção dos quadros de mestiçagem, estilo pictórico que representava os diversos tipos humanos provenientes dos cruzamentos raciais entre brancos, índios e negros na recém-formada sociedade colonial, teve sua produção surgida na segunda metade do século XVIII. Os quadros de mestiçagem buscavam descrever o avanço da mestiçagem e a vida cotidiana produzida na Ibero-América. A maioria destas pinturas formam séries de 16 a 20 cenas, representando, em cada quadro, um homem e uma mulher de diferentes grupos com seu descendente, resultado da mescla entre eles. Cada uma das personagens é identificada através de uma legenda descritiva. Essa manifestação artística se deu principalmente na Nova Espanha, de onde proveem quase todas as séries de pinturas conhecidas” (p. 93).

⁹ Como apontado na nota 06, a historiografia sobre a circulação das ideias iluministas por todo a Europa e pelas Américas é bastante vasta, mas para esses trabalhos estamos pensando nesta literatura: Boto (1996; 2015); Carvalho (1963; 1986; 1978); Dias (1978); Domingues (2001); Fonseca (2009b); Furtado (2012); Hansen (2000); Moraes (2007); Paiva (2000); Russell (1977); Villalta (1997; 2011); Villalta, Moraes e Martins (2015); e Zuribi (2004). Lembrando que essa circulação não era apenas das ideias iluministas, mas também de seus opositores, em especial dos jesuítas e da segunda escolástica. O que vale para o processo de laicização dos trabalhos ligados às letras, ainda que no início da colonização portuguesas da América a ideia do orador, como religioso, seria forte no processo educacional das elites, mesmo no Brasil de então.

Portanto, as séries de quadros buscam apresentar uma hierarquia estritamente normatizada entre as diversas castas ou grupos sociorraciais¹⁰. Tendo isso em mente, descrevemos e interpretamos o que foi apresentado em um primeiro conjunto dos quadros¹¹ de casta (Figura 1).

Figura 1 - Conjunto: organização da família.



a) Serie Andina



b) José Joaquín Magón



c) José Joaquín Magón



d) Buenaventura José Guiol

Fontes: Figura 1a: acervo do Museu da América, disponível para consulta no site da Red Digital de Colecciones de Museos de España¹²; Figuras 1b: acervo do Museu Nacional de Antropologia da Espanha e disponível para consulta no site da Red Digital de Colecciones de Museos de España; 1c: acervo do Museu Nacional de Antropologia da Espanha e disponível para consulta no site da Red Digital de Colecciones de Museos de España; Figura 1d: Mata (2018).

¹⁰ Entre os trabalhos que explicam essa intencionalidade dos quadros de castas podemos citar Veiga (2022).

¹¹ Para o presente artigo, fizemos a escolha de algumas telas/quadros para enfatizar as tendências que estão mais relacionadas ao sentimento de família, às preocupações com a criação e educação das crianças e também relacionados, por isso, à História da Educação. Porém, temos que deixar claro que a pesquisa de pós-doutorado trabalha com as séries completas que foram escolhidas por uma facilidade de localização e acervos digitais que estão on-line, já que todas fazem parte do acervo do Museu da América e Museu Nacional de Antropologia da Espanha e todos os quadros estão digitalizados e disponíveis para consulta no site da Red Digital de Colecciones de Museos de España - Disponível em: <https://ceres.mcu.es/pages/Main>. Ou ainda estão disponíveis na publicação *Five Casta Painting by Buenaventura José Guiol, a new discovery*. n. 4. Jaime Eguiguren/Eduardo Cohen Studies, 2018. Disponível em: https://jaimeeguiuren.com/user/library/documents/main/cat_castas.pdf. Acesso em: 4 jun. 2024.

¹² As referências completas de todos os quadros constam no final deste artigo, junto das fontes e referências.

Observamos, retratada na Figura 1a, no quadro de origem andina e sem autoria comprovada, uma cena aparentemente familiar: um casal com uma filha. O homem parece brincar ou divertir a filha entregando-lhe flores que estão no ombro esquerdo da mulher. Na cena, todos parecem sorridentes: o homem, a mulher e a criança. Nesse quadro, como mencionado anteriormente, vê-se diversas qualidades de misturas de espanhóis, negros, índias e o resultado dessa mistura nas Américas. Essas misturas, nos quadros de casta ou, também, nos quadros de mestiçagem, normalmente são enumeradas.

Na Figura 1b, temos um quadro com autoria atribuída a José Joaquín Magon no qual é retratada uma cena de intimidade familiar: uma mulher segura uma colher na mão e olha para um homem sentado em uma cadeira, que parece confortar uma criança chorando. Nessa figura, a mulher parece repreender a criança, enquanto o homem, seu pai, parece protegê-la, abraçando-a e acalentando-a. O que traz uma indicação de personalidades ou temperamentos muito distintos entre as castas. Aqui percebemos a mulher negra como sendo violenta e o pai, espanhol, mais manso e carinhoso com sua prole.

Na Figura 1c, temos um quadro em que é retratada uma cena em que: uma mulher sentada tem uma criança no colo e está trocando sua fralda. Ao lado dela, um homem sentado em um banquinho entretém a criança com um buquê de flores em uma das mãos, enquanto na outra segura o sapato que está consertando. Isso parece indicar uma espécie de participação, ainda que secundária, dos homens na vida doméstica e, ao mesmo tempo, denota um sentido atribuído à família que exige uma pausa no trabalho para o homem auxiliar de alguma forma a esposa nessa tarefa. É importante salientar que estamos falando em uma sociedade profundamente misógina, em que homens e mulheres teriam “naturalmente” papéis distintos na sociedade. Porém, pelas imagens que estamos analisando, ambos teriam papéis a serem exercidos dentro da intimidade familiar, especialmente no tratamento, na educação e criação dos filhos.

Na Figura 1d, observa-se que o casal está se agredindo enquanto uma criança busca separar a briga do casal. Portanto, podemos observar um padrão muito comum no período, que é o estabelecimento de uma hierarquia entre os diversos tipos de famílias que se constituiriam na América hispânica em um caráter classificatório e até mesmo taxonômico. Em que pese essa visão hierárquica da sociedade, percebemos o quanto as famílias estavam imersas em um ambiente profundamente afetivo. No entanto, é importante ressaltar que as experiências afetivas não devem ser compreendidas apenas no sentido positivo; até mesmo os crimes passionais são influenciados por laços afetivos, neste caso no sentido da paixão extremada, do deixar-se afetar pelas ações do outro. Seria ingênuo e até mesmo pueril atribuir exclusivamente um caráter “positivo” aos sentimentos entre as pessoas. No entanto, mesmo no caso de conflitos, parece que a criança é dotada de um senso de justiça e de compreensão que as brigas, as agressões, nunca são um bom caminho para a família. Nesse sentido, o *sentimento de família* é reforçado pelos quadros de castas, como já apontava Ariès (1986). Talvez um outro caminho interpretativo fosse a criança como sendo um elemento evoluído, no sentido de melhorado mesmo, que intervém no desentendimento, apontando um caminho melhor, que seria a união da família em uma única direção, no sentido de consenso.

Os sentimentos cultivados em família podem ter sido muito mais ricos e múltiplos e intensos em famílias de origens sociais múltiplas, diversas ou, como pretendemos agora consolidar, *famílias mestiçadas*, que são muito mais numerosas do que podemos imaginar, principalmente se compreendermos o sentido atribuído à família na segunda metade do século XVIII. Em outras palavras, considerando as vivências afetivas experimentadas dentro dos fogos, mesmo quando os envolvidos não são parentes consanguíneos, e, por outro lado, quando são parentes consanguíneos, mas não compartilham o mesmo espaço habitacional, surgem as seguintes indagações: esses tipos de ações ou expressões de sentimentos não seriam comuns a todas as famílias, independentemente de sua casta, durante esse período? Não seria isso muito típico de um estilo de vida que vai, aos poucos, se privatizando no final de século XVIII, inclusive nas Américas? Mais até do que uma coisa que só ocorre no XIX e depois a América incorpora,

será que não estamos diante de fenômenos que ocorrem em conjunto nas duas margens do atlântico? Se as brigas e as expressões da raiva podem ser comuns a todas as castas, essas imagens também não poderiam sugerir que o sorriso, que o brincar com a criança ou se divertir em família, o amar, o toque, o carinho mútuo, a troca de presentes, mimos, flores, aconteciam em todas as castas? E, portanto, como duas faces de uma mesma moeda, inseparáveis, a dor, o ódio, a raiva, a briga, o abuso de álcool e outros vícios não poderia ser algo de todas as famílias indo mesmo das castas mais altas até as mais baixas daquela sociedade? É possível apreciar cenas de jogos e de diversão em família (música, brincadeiras, jogos de carta), em alguns casos, é possível mesmo observar mais de uma criança sendo representada e as obrigações entre irmãos e as brincadeiras, ou seja, a interação entre as crianças representadas na cena, denotam uma vivência familiar repletas de experiências profundamente entrecortada pelas emoções e onde o sorriso ou choro estão representados ou, ao menos, sugeridos.

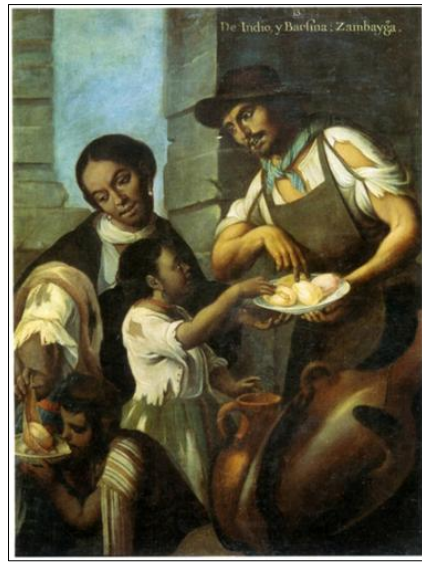
Portanto, é necessário ler a contrapelo o que está exposto nos quadros, sob o preço de não interpretar adequadamente e criticamente a realidade social representada nessas séries. Em geral, a tentativa de classificação é acompanhada justamente da compreensão de uma realidade tão múltipla e complexa que dificilmente se deixa organizar ou classificar facilmente. Com isso, deixa-se escapar sentidos outros que poderiam não ser muito conscientes para os próprios artistas que retrataram aquelas cenas. Nesse sentido, a tentativa de atribuir ações, comportamentos e personalidades a tantos tipos possíveis (entre 16 e 20 castas que eram representadas nas séries em geral) não é seguro afirmar que na prática cotidiana da América hispânica todas essas categorias tenham, de fato, existido. Devemos nos perguntar o porquê aquela sociedade buscou produzir tais quadros. Em uma sociedade com elementos de Antigo Regime, na qual a desigualdade de privilégios é normatizada, é fundamental classificar quem é quem, sendo assim, essa tentativa pode muito bem significar que uma sociedade que veio se diversificando, se tornando multidimensional, movediça, múltipla, impura ou mestiçada, permitindo que pessoas de castas superiores e inferiores serem confundidos nas ruas ou no dia a dia, estavam na verdade tentando se reclassificar, reestruturar, reorganizar para justamente não sumir. Porém, temos que nos perguntar, se isso era possível. Será que aquela sociedade não estava fazendo algo que, já naquele período, era desnecessária e em vias de desaparecer?

Para além do questionamento sobre a existência ou não de castas, conforme tem sido discutido pela historiografia nas últimas décadas, elas transparecem algo que parece ser comum e estar relacionado às provocações de Philippe Ariès¹³ sobre as mudanças nas ideias e nos sentimentos relacionadas às famílias e às crianças e ao papel da Educação nessa mudança de relação. Para analisar e compreender esse fenômeno, os quadros de castas são fontes muito importantes. Muitas famílias não foram formadas de maneira “legítima”, trata-se de famílias que surgiram como prática social; elas, na verdade, se concretizam a partir do nascimento de uma criança e não por meio de um documento como um registro de casamento. Em outras palavras, a família de fato nasce como prática social a partir do desafio de alimentar, cuidar e educar uma criança. Então, para além de obrigações civis, o que existe é o despertar de um universo cultural sentimental a partir da união de duas de pessoas que muitas vezes são origens muito diferentes; essas uniões são entrecortadas de contradições, violências, ambiguidades, mas também são permeadas de carinho, cuidado com o outro e com os seus frutos. Enfatizar apenas uma dessas dimensões é também apresentar uma visão incompleta, limitada da realidade, podendo até mesmo ser anacrônica. Isso porque uma abordagem desse tipo tende a interpretar passado a partir do presente, muitas vezes adotando com uma perspectiva teleológica da História que a função precípua do passado é realizar um presente como se fosse um compromisso estabelecido *a priori*, o que de fato nunca foi. Uma análise mais abrangente dessa reflexão será feita a partir dos próximos conjuntos de quadros de casta.

¹³ Ariès (1982; 1986) e Ariès e Béjin (1985).

Figura 2 - Conjunto: sentimentos de família.

a) Miguel Cabrera



b) Miguel Cabrera



c) José Joaquín Magón



d) José Joaquín Magón

Fonte: Acervo do Museu Nacional de Antropologia da Espanha e disponível para consulta no site da Red Digital de Colecciones de Museos de España ou no banco de imagens da Wikipédia.

Na Figura 2a, de autoria atribuída a Miguel Cabrera, temos uma cena em que o homem e a mulher se entreolham e há, no mesmo ambiente, duas crianças. Uma menina que parece estar sobre um banco ou mesa e que busca conforto ou a proteção nos braços de seu pai e um menino que, do chão, sopra uma bolinha (de papel, pedra ou uma semente) com a ajuda de um canudo para atingir a menina. Apesar do semblante sério dos pais, as crianças parecem brincar, pois a menina está sorrindo, provavelmente do ou com o irmão. No alto da tela, temos a inscrição: “De espanhol e mulato, mourisco”. O bem-estar das crianças brincando parece indicar um clima harmônico naquela família.

Na Figura 2b, de autoria também atribuída a Miguel Cabrera, temos um quadro pintado a óleo sobre madeira que tem uma inscrição que diz “De índio e barcina – Zambaiga”. Nesse quadro, é representado um grupo familiar formado pelo pai, a mãe e um filho, identificado por inscrições que remetem ao seu grau de miscigenação. Nesse caso, percebe-se uma família oriunda de camadas mais populares daquela sociedade. Porém, nessa representação, que normalmente seria negativa, da família formada a partir de castas tão baixas aparece o cuidado que a família dispensa em alimentar e, de maneira mais geral, cuidar de sua criança com aquilo que é possível. Mesmo essa família mais pobre, que tem roupas rasgadas, separa um tempo para alimentar suas crianças, o que parece indicar, segundo Ariès (1986), um *sentimento de família* bastante generalizado e arraigado naquela sociedade e que independe, de fato, do *status* social das famílias.

Na Figura 2c, temos a tela, com moldura em madeira, pintada a óleo, de autoria atribuída a José Joaquín Magon. O quadro retrata uma cena aparentemente familiar em que uma mulher segura pequenas flores com as duas mãos enquanto um homem parece colocar as mãos nos ombros de uma menina que segura uma tigela com frutas dentro, denotando um toque afetivo de um pai que busca até mesmo abraçar sua filha. Na parte superior direita da tela, está representado um papagaio e, na parte central, uma inscrição, que diz: “1. Do espanhol e Índia, nasce Mestiza”.

Por fim, nesse conjunto, temos a Figura 2d, em que está retratada uma cena da intimidade familiar em que uma mulher e um homem jogam cartas sentados ao redor de uma mesa sob o olhar atento de uma criança, que se encosta à mesa e segura um buquê de flores em uma das mãos. Uma inscrição aparece no canto superior esquerdo da tela, dizendo: “8. Mulato e Índia, engendra Calpamulato”. Portanto, temos a representação de famílias de estratos sociais distintos, a partir de representações de cenas que trazem elementos em comum: os momentos de diversão, de comunhão, de diversão em família, representados pelos jogos e pelo alimentar sua prole e pelo tocar afetuosamente.

Em relação aos sentimentos para com as crianças, os quadros analisados indicam uma centralidade desse elemento na constituição de uma família, que também é marcada pela intimidade, pelas vivências afetivas, pelo sentimento de família¹⁴. Afinal, o matrimônio oficial nem sempre foi elemento distintivo dessa organização. Mesmo a coabitação era por vezes reprimida.¹⁵ Podemos observar a constituição de uma família quando ela busca cuidar e educar suas crianças – evidentemente, os filhos, mas também aqueles que, por questões diversas, são colocados sob a proteção de alguém, como crias da casa, afilhados, sobrinhos e as próximas gerações daquilo que, em trabalhos anteriores, foram nomeados como herdeiros¹⁶.

Isso pode ser observado quando os pais estão brincando com a cria para distraí-la enquanto fazem uma ação que pode ser desconfortável ou mesmo quando as crianças brincam entre si, demonstrando felicidade. A centralidade da criança na constituição familiar também é observada quando a família busca não discutir certos assuntos na frente das crianças, ou seja, as confidências são silenciadas diante do dever de blindar, de privar a criança de certas situações, além do cuidado em torno da alimentação. Normalmente vemos a mãe, mas também encontramos representações em que o pai serve ou prepara o alimento para a criança.

¹⁴ Conforme Ariès (1986) e Ariès, Bejin (1986).

¹⁵ Entre esse trabalho, podemos citar Figueiredo (1997); Cerceau Netto (2008).

¹⁶ Conforme Angelo (2021a).

Figura 3 – Conjunto: família como agente da educação

a) Buenaventura José Guiol



b) Andrés de Islas



c) Série andina



d) José Joaquín Magón

Fonte: Figura 3a: Mata (2018); Figuras 3b, 3c: acervo do Museu da América e disponíveis para consulta no site da Red Digital de Colecciones de Museos de España; Figura 3d: Fonte: Wikipédia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Joaqu%C3%ADn_Mag%C3%B3n#/media/File:Jos%C3%A9_Joaqu%C3%ADn_Mag%C3%B3n_-_El_Mestizo.jpg. Acesso em: 24 jun. 2024.

Por fim, uma última categoria que denota essas transformações do sentido atribuído à família e à criança nas Américas da segunda metade do século XVIII é a preocupação da família com a educação das novas gerações. A educação, aqui, é entendida no sentido amplo, como formação para vida, mas também em diálogo com uma instrução formal para o aprendizado das primeiras letras e mesmo o aprendizado de um determinado ofício, mas que nem sempre se materializa em uma instituição formal, como podemos observar aqui nos quadros de castas e é algo que também veremos quando tratamos dos testamentos na seção seguinte. Nesse sentido, podemos observar a preocupação da família de expor a criança ao ambiente de trabalho do pai que está mais ligado às letras. É mesmo possível perceber que uma das crianças aprendeu a ler muito provavelmente por conta da ajuda da mãe, que devia conduzir essas primeiras lições ou auxiliar o filho na realização de atividades escolares em casa. Observa-se, possivelmente, uma “tomada de leitura” por parte dos pais, em uma determinada atividade que hoje chamaríamos

de “alfabetização”. Poderíamos mesmo vislumbrar que, em um ambiente familiar, a exposição da criança à arte, à cultura erudita por meio dos livros, escritos ou estudos, pode indicar uma forma de transmissão de capital cultural, como fizemos anteriormente¹⁷, inspirados nos trabalhos de Pierre Bourdieu¹⁸. Aqui, isso poderia indicar uma estratégia de distinção social.

Na Figura 3a, de autoria de Buenaventura José Guiol, observamos uma mulher que segura uma menina no escritório de um homem, provavelmente chefe daquela família/domicílio/pai. Observamos claramente o cenário como sendo uma residência e, ao fundo, há pessoas, que provavelmente são criados, preparando alguma refeição. Fica claro, nesse tipo de imagem, que, em algumas castas mais abastadas, os pais de família tinham ofícios e espaços domésticos especializados. Porém, o que nos interessa agora são esses espaços, que serve como repositórios de elementos e objetos que indicam um determinado volume de *capital cultural* ou que denota a cultura erudita ou dita legítima, ser possuída pela aquela família ou, ao menos, pelo chefe da casa. Nesse sentido as crianças tinham contato desde a mais tenra idade com quantidades significativas de materiais, objetos e utensílios que permitiam o contato com a cultura dita erudita. Muito provavelmente, esse contato era valorizado por esses grupos sociais e poderia abrir portas para uma determinada atividade profissional no futuro, ou mesmo criar condições para um casamento vantajoso, no caso da menina retratada no quadro.

Na Figura 3b, de autoria de Andrés de Islas, temos a seguinte cena: um interior doméstico no qual aparece uma mulher elegantemente vestida com uma criança nos braços e um homem com um violino. A criança mexe e tenta tocar as cordas do violino que o pai segura com o arco. No alto do quadro está a seguinte inscrição: “De Calbizo e Espanhola, nasce Espanhol”. O acesso à música e às aulas, além do sistema de notação musical por meio de partituras, começa na mais tenra idade, com os próprios pais em casa.

Na Figura 3c, de uma série de quadros de origem andina, com autoria atribuída a Lozano, há dois índios. Uma mulher com uma criança nas costas e uma flor na mão; o índio tem uma folha com alguns escritos nas mãos, o que pode indicar um processo de “alfabetização” em curso ou concluído; a criança, nas costas da mãe, está exposta à leitura desde aquele momento. No alto do quadro, temos uma mensagem, que diz: “N 2. Índios da montanha. tributários civilizados (talvez letrados, cristãos?)”. Esta exposição ao escrito, desde cedo, pode muito bem ensinar uma estratégia de distinção social pelo saber ler e escrever, ao menos entre os seus iguais.

Na Figura 3d, de José Joaquín Magon, observamos mais uma vez um escritório onde a mãe leva o filho com a intenção de apresentar algo ao pai/marido. A criança parece mostrar ao pai que está lendo, ou talvez a família esteja acompanhando o progresso da leitura da criança. Tudo isso indica as preocupações de um tipo de família da América Hispânica, certamente abastada, e que está mais preocupada com os escritos, com os livros, com a cultura erudita e com a forma como a criança poderia ser aproveitar disso futuramente, em especial por meio de estratégias educativas familiares para com suas futuras gerações.

No entanto, quando comparamos os dois quadros anteriores, percebemos que algo tão simples quanto aprender a ler e escrever podem ser uma estratégia de distinção social possível para grupos muito distantes na estratificação social. Porém devemos ter claro que o processo de distinção social não precisa ocorrer unicamente entre todos os membros de uma sociedade, mas também e apenas entre os seus iguais e por ser reconhecido como um índio de capacidade por saber ler e escrever, ainda que não tenha alçado postos mais altos na sociedade. Nesse sentido, a distinção social pode de fato ocorrer em relação a todo o espaço social em que se está inserido ou entre apenas os seus pares.

¹⁷ Angelo (2021b).

¹⁸ Diversos trabalhos de Bourdieu tratam da teoria dos capitais, como estes Bourdieu (1996; 2007a; 2007b; 2013a; 2013b) e os seus trabalhos com coautoria com Passeron (Bourdieu; Passeron, 1975; 2014). Por fim, temos um livro que é a organização de artigos publicados pelo sociólogo francês com um capítulo específico sobre capital cultural, que nos auxilia a compreender seu acabamento na teoria dos capitais: Nogueira e Catani (2012).

4 - Os testamentos e inventários *post-mortem* mineiros como fontes para pensar a família e a educação no período.

Finalizando nossa análise sobre as mudanças pelas quais as vivências afetivas no seio familiar passaram na Europa-América-Brasil durante o século XVIII e início do século XIX e como a família acabava influenciando a trajetória educativa de seus “herdeiros”¹⁹, é necessário apresentar brevemente uma das fontes de trabalho desta pesquisa, que são os testamentos. Esses documentos apresentam outra dimensão da formação familiar, que nem sempre é possível observar em outras fontes. Por que os testamentos são uma fonte importante?

Tais testemunhos são raros: é como se os homens não gostassem de falar do sentimento que ligava os esposos, a não ser nos testamentos, onde se tornam mais frequentes. É difícil para o historiador interpretar o silêncio que reina sobre vastos domínios da vida: ora ele significa a indiferença ou a ignorância, ora o pudor e o segredo. Existiam coisas que não se diziam: o amor conjugal era uma delas. Às vezes esse silêncio é rompido, e isso quase sempre ocorre às vésperas da morte. [...] Aqui, no caso do duque de Saint-Simon e em alguns outros testamentos da época, a originalidade reside na manifestação pública, patética, de um sentimento cuja natureza é permanecer secreto²⁰.

Fontes como os testamentos são fundamentais para pensar, para entender as sensibilidades, emoções ou sentimentos de outros tempos, em especial, no seio familiar. Através deles podemos observar vivências afetivas a partir de um grupo que poderia ser considerado família, que, no período estudado, poderiam se formar a partir de grupos mais ou menos homogêneos em relação com o testador ou a testadora. Aqui, por questões de exequibilidade, enfatizamos os testamentos de Vila Rica (atual cidade de Ouro Preto), afinal não é possível trabalhar com todos os testamentos de todas as partes do globo. Porém, como será observado, existe certa consonância entre o que é apresentado de maneira geral pela bibliografia internacional, o que apresentamos acerca dos quadros de casta e o que será encontrado nos testamentos aqui analisados. Até o momento, a partir de pesquisas feitas para outras regiões de Minas, não existia a ideia de grupos formando círculos concêntricos, pois não parece ser assim que funcionam as questões no grupo/família nessas outras regiões. Porém, em Vila Rica, pela proximidade com o poder civil e eclesiástico (a sede do Bispado ficava logo ao lado, em Mariana), as relações parecem ser mais hierarquicamente estabelecidas e, portanto, racionais e classificáveis, como em círculos concêntricos mais rigidamente hierarquizados. Sendo assim, parece que exista algo sendo alterado, o que pode

¹⁹ Mais uma vez e para deixar claro os Herdeiros é o título de um livro escrito por Pierre Boudieu e Jean-Claude Passeron. Herdeiros neste caso são os herdeiros, quase sempre filhos das famílias investigadas pelos sociólogos franceses. Inspirado neste trabalho publiquei minha tese de doutorados (Angelo, 2021b) como título: Herdeiro: o papel da família na educação dos seus descendentes em Minas setecentista e nesta ocasião trato os herdeiros como sento aqueles que recebem algum tipo de legado (educativo) nos testamentos de Minas setecentista. Na tese, herdeiros nem sempre são os filhos e muitas vezes podem ser outras pessoas próximas ao testados como primos, sobrinhos, agregados, afilhados e mesmo escravos mais próximos. Ao longo dessa seção ficará claro o que o trabalho nomeia como herdeiros.

²⁰ Ariès e Bèjin (1985, p. 158-159).

indicar a polarização crescente entre a vida pública e a vida privada, ao menos para essa importante vila de Minas, principalmente a partir do fim do século XVIII. Em outras regiões de Minas, isso parece não estar tão presente, ao menos nos testamentos pesquisados em outra situação²¹; em finais no século XVIII, em Ouro Preto, essas questões ficam mais evidentes.

O elemento que pode ter contribuído de maneira decisiva para essa ordenação da vida familiar na região de Vila Rica é a ação efetiva do Estado e da Igreja na repressão de arranjos familiares alternativos, visando justamente a ordem que a Coroa e a Igreja queriam impor a essa região, que, na visão desses pólos de poder, representava uma Minas Gerais rebelde.²² Isso parece ser percebido pelo aumento de uniões legítimas sancionadas pela Igreja, e que, portanto, primavam pela endogamia e homogeneidade. Outro elemento importante, evidente a partir do fim do auge da exploração aurífera, foi a diminuição da imigração. Embora a imigração ainda fosse uma constante por muitas décadas, essa redução permitiu que o crescimento vegetativo equilibrasse minimamente a *razão de sexo*²³ dentro da população. Isso pode ter facilitado a formação de famílias “legítimas” e, por isso, mais homogêneas. No entanto, o índice de ilegitimidade permaneceu bastante alto, indicando que as uniões consensuais continuavam a ocorrer, ainda que se tornassem mais efêmeras e inconsequentes. Em tais casos, os pais frequentemente não assumiam a responsabilidade por seus filhos. Há uma efetiva repressão aos arranjos familiares alternativos e, ao mesmo tempo, há uma alteração no regime demográfico que equilibrou a distribuição de homens e mulheres em Vila Rica, o que permitiu a formação de famílias “legítimas”. Portanto, nesse momento, passa a acontecer um processo de mudança de mentalidade que passa a não reconhecer famílias “ilegítimas” como ambientes de segurança afetiva e com a qual se devia responsabilidade em relação aos frutos dessa união a partir daqui mais efêmera, algo que só se torna claro com o avançar do século XIX.

Tendo isso em mente, buscaremos analisar as famílias, evidentemente, a partir dessas relações estabelecidas pelo núcleo familiar: pai (avô), mãe (avó), esposos e filhos. Porém, outros vínculos são importantes para compreender como se alteram, se mestiçam, nesse sentido, outros vínculos com demais parentes, como irmãos, tios, sobrinhos, genros, cunhados, são importantes. Outras relações, que hoje não compreenderíamos como familiares mas que para aquele momento eram importantes para a família, serão também consideradas: escravos (principalmente os domésticos), parentes rituais (afilhados/compadres), agregados (amigos, colegas de profissão, vizinhos, sócios, enjeitados, crias da casa e, mais tradicionalmente, pessoas que coabitavam com o testador, mas que não eram seus parentes ou tinham qualquer outra relação evidente), já que são importantes para compreender as *dinâmicas de mestiçagem* nessas *famílias mestiçadas*, permeada, por vivências afetivas, e em suas constituições.

Para fins metodológicos, sempre consideraremos o vínculo mais próximo (aquele que ocupa os círculos mais internos), pois, em geral, isso pode modificar as relações. Sendo assim, é comum que um filho, primo ou tio sejam padrinhos de seus primos ou sobrinhos mais distantes. Nesse caso, o parentesco ritual surgiu a partir do vínculo como parente; quando se trata de um escravo que é filho de seu senhor, analisaremos a relação a partir desse último vínculo – entre pai (senhor) e filho (escravo).

²¹ Todo o meu trabalho sobre a temática pode ser consultado em Angelo (2021a; 2021b) que são publicações derivadas da minha dissertação de mestrado e minha tese de doutorados respectivamente.

²² Entre os trabalhos que mapeiam essa tendência, podemos citar o trabalho de Lott (2008).

²³ Razão de sexo é um indicador demográfico que mede a razão (divisão) entre o número de homens para cada grupo de 100 mulheres na população.

Analisaremos, portanto, as relações familiares que foram registradas pelo testador em suas últimas vontades e buscaremos compreender os vínculos, os sentimentos, as emoções estabelecidas na intimidade familiar, que são, neste caso, materializadas nas cláusulas testamentárias e suas respectivas justificativas e condicionantes. A partir desses vínculos, é possível observar a constituição das *famílias mestiçadas* ainda que uma parte de seus integrantes tenham origens muito distintas como portugueses no norte de Portugal e pessoas oriundas de África. Em alguns casos, são forjadas vivência afetivas com um pouco de cada um desses universos culturais e, ainda sim, são relações francamente permeadas pelas experiências afetivas.

Passaremos, agora, para a análise de alguns casos da relação do núcleo mais contemporaneamente compreendido como família nuclear. Como veremos adiante, existem casos que nos auxiliam nessa reflexão, o testamento de Antonio da Silva Maya evidencia como as relações entre pai e filhos ilegítimos evoluiu:

Declaro que tenho dois filhos um macho e outra femia a qual se acha cativa um por nome Serafim e a Femia Mariana aos quais deixo por meus legítimos Herdeiros de todos os meus bens e o restante da minha terça A deicho a Minha Mãe Quiteria da Silva Maia. Declaro que a dita minha filha se libertara dos próprios meus bens ao meu Testamenteiro assim como prova por ser esta a minha ultima vontade como dito tenho aqual minha filha se acha em casa do Reverendo Gonsallo da Costa Pereira²⁴.

Parece que filho já havia sido libertado, talvez por influência do pai, e a filha continuava escravizada; seria também possível pensar que o filho pode ter se alforriado por conta própria. Porém, em qualquer dos casos, o nome da mãe ou da mulher com quem Antônio se relacionava não é nem mesmo mencionado. Porém, a mãe de Antônio e avó de seus filhos é mencionada para receber a terça do testador. Seria possível pensar em uma família que não tinha muitas posses, mas que, reunindo todos os seus patrimônios, se mobilizaria para alforriar seus descendentes e que deixaria a responsabilidade por terminar de criar a menina com a avó. Por meio desse testamento, é possível perceber como as famílias se mobilizaram devido à preocupação com seus filhos e próximas gerações, independentemente das camadas sociais. Parece que os familiares mobilizam para garantir a convivência de todos os parentes. Portanto, mesmo fragmentada em mais de uma casa, essa família se compreende como uma única família permeada por sentimentos de identificação e ajuda mútua. Seria mesmo possível aventar que a filha, por estar na casa do Reverendo Gonsallo da Costa Pereira, estava sendo educada e mantida em um lar honrado. Não seria essa uma estratégia para manter a filha honrada, ainda que na posição de escrava, mas sendo orientada por um religioso que poderia ensinar a ler e escrever e até mesmo fazer os serviços domésticos? Não seria essa, uma estratégia de busca por um casamento vantajoso para a filha de Antônio da Silva Maya, mesmo sendo escrava? Não seria uma estratégia educativa da família para com sua filha? Com esse caso, percebemos que a preocupação com os filhos, com a sua alforria e sua criação, assim como nos quadros de casta, o sentimento de família nasce da necessidade de criar, alimentar e educar as crianças, mesmo que não estivessem com seu pai.

Outro testamento em que os vínculos ficam claramente estabelecidos está nas últimas vontades do coronel Feliciano Jose da Camara, que informa que é: “[...] natural da freguezia de Santo Andre de Barcelinhos extra muros da Villa de Barcellos Arcebispado de Braga filho legitimo de Manoel Ribeiro dos Santos e de Sua mulher Catarina da Crus já falecidos”. Oriundo do norte de Portugal, acredita-se ter emigrado para a região das Minas na América portuguesa

²⁴ IBRAM/MI/AHCP LT - 0010 - Testamento de Antonio da Silva Maya 05/08/1785.

como uma forma de amealhar algum pecúlio. Porém, estando na região, informa: “[sempre permaneci] solteiro e nunca fui cazado nem tenho herdeiros forçados e assim instituo por minha herdeira a minha Irmaa Jacinta Ribeiro e na sua falta a seus filhos meus sobrinhos//”²⁵.

Não fica evidente se sua irmã mora com ele ou se está estabelecida em Minas no período. No entanto, o coronel Feliciano José da Camara, na seguinte passagem, informa que: “[d]eicho a meu Irmao Belchior Ribeiro dos Santos morador na freguezia de Itabira Duzentos mil reis e sendo falecido pasara a seus herdeiros//”²⁶, o que parece significar que parte da família se estabeleceu em Minas. Além disso, coronel Feliciano Jose da Camara, que parece ter sido figura influente na região, registrou muitos afilhados, fazendo questão de doar alguma quantia para a formação e educação dessa nova geração O que ficam claro quando deixa uma justificativa, como veremos na passagem seguinte:

Deixo a minha afilhada filha de Manoel da Sylva Guimaranes para tomar estado trezentos mil reis// Deixo ao meu afilhado filho digo afilhado João filho de Andre de Ceas Lobato cem mil reis// Deixo a hum meo afilhado cujo nome me não lembra filho de Antonio de Cerqueira cem mil reis// Deixo a huma pardinha por nome Maria que se acha em caza de Ventura da Costa Rangel filha de Huma crioula por nome Bernarda para tomar estado huma morada de cazas que tenho na Rua direita de Antonio Dias e cem mil reis// Deixo a minha afilhada Branca ingeitada por nome Fleciana que se acha em caza de Dona Tereza Maria de Olhoa para ajuda de tomar estado de casada cem mil reis// Deixo a minha afilhada filha de Valentim official da Alfaiate e de sua mulher Anna moradores na Rua de Santa Quiteria cinquenta mil reis//²⁷.

Mais adiante, em seus testamentos, informa outros afilhados e sua intenção de legar algo a eles.

Deixo a meu afilhado Joao filho de Magdalena da Silva Parda forra já falecida moradora que foi na pasagem cem mil reis// Declaro que deixo a Genoveva filha do Tenente Manoel de Souza e de sua molher Dona Luisa Roza da Silveira cem mil reis// Deixo a huma afilhada filha de Francisco Alves morador no Caquende cem mil reis// Deixo a minha afilhada filha de huma cabra Luiza que acompanhava digo cabra Luiza que acompanhava o Padre Jose Antunes que foi para o Rio de Janeiro cinquenta mil reis//²⁸.

Em relação à sua escravaria, o coronel menciona os seguintes benefícios:

[d]eclaro que tenho huma crioula por nome Tolipa de qual seu filho dei liberdade meus testamenteiros lhe comprarão huma morada de cazas as custas de meus bens athe sento e vinte mil reis pouco mais ou menos e lhe entregarão assim como também a louça de estanho colheres de latao tremyas gamelas mezas velhas catres velho e algum as caixas das mais uzadas e lhe darão mais sincoenta mil reis em atenção ao bem que me tem servido//²⁹.

²⁵ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0010 - Testamento de Coronel Feliciano Jose da Camara 08/04/1778.

²⁶ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0010 - Testamento de Coronel Feliciano Jose da Camara 08/04/1778.

²⁷ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0010 - Testamento de Coronel Feliciano Jose da Camara 08/04/1778.

²⁸ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0010 - Testamento de Coronel Feliciano Jose da Camara 08/04/1778.

²⁹ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0010 - Testamento de Coronel Feliciano Jose da Camara 08/04/1778.

Mais adiante, em relação a outros parentes, o coronel Feliciano Camara aponta os seguintes legados: “[d]eclaro e instituo herdeiros remanecentes e de encanho[sic] do Francisco Antonio de Araujo cazado com huma Sobrinha minha filha de minha Irmaa Jacinta Ribeira//”³⁰. Em relação a um agregado, com quem não é possível averiguar qualquer tipo de parentesco sanguíneo, legal ou espiritual, o coronel Feliciano Camara determina o seguinte legado:

[d]eclaro que na lage das cazas em que vivo está acistindo Francisco Jose Gondim e se lhe nam levará coiza alguma de alugueis e the o meu falecimento por que lhes dei pelo amor de Deos. Declaro que mandei vender huma escrava pertencente a huma parda chamada Marcellina moradora nesta Villa cujo credito se acha em poder de Joao Rodrigues de Macedo para o mandar cobrar do devedor no serro frio e cobrar do que seja se entregara sua importancia a dita Marcelina posi lhe pertence// Declaro que dando meu compadre Joao Francisco oitenta mil reis se lhe entregarão os titulos que tenho em meu poder das cazas em que mora//³¹.

Como podemos observar nesse testamento, os testadores que não têm parentes próximos ou herdeiros necessários costumam materializar suas relações afetivas em forma de legados para seus afilhados, agregados, escravos e amigos. Esses indivíduos são mencionados sem qualquer sinal de hierarquia: afilhados de diversas condições e qualidades, escravos de diversas qualidades e mesmo agregados cujas origens não são possíveis de serem identificadas. Em muitos casos, trata-se de uma obrigação estabelecida como prática, principalmente por não haver herdeiros forçados; por outro lado, muitos desses legados guardam uma mensagem educativa quando justificam o motivo para tal legado como “tomar estado” ou mesmo quando o motivo pode não estar justificado, mas ainda sim apresenta um valor exemplar como a caridade³². Isso não implica necessariamente um vínculo afetivo, afinal alguns dos beneficiados nem mesmo tem seu nome mencionado, mas implica uma obrigação moral e ética com a formação, no sentido amplo, de todos esses herdeiros (que tem parentescos mais próximos como sobrinhos e parentescos mais distantes como apenas afilhados), o que denota uma obrigação educativa para com as próximas gerações.

Porém, em alguns casos, os vínculos afetivos, de fato, marcam as relações de parentesco ou as relações marcadas por vivências afetivas que são mencionadas nos testamentos. Ainda é relevante abordar as formas e os motivos das famílias se mobilizarem em relação ao seu parentesco. O testamento, esse documento complexo, em que aparece uma série de relações que hoje não entenderíamos como familiares, apresenta como a *família mestiçada* se constituía a partir de relações mais ou menos formalizadas – como parentescos espirituais, relações com escravos e agregados, com parentes pouco mais distantes, como os sobrinhos – entre grupos oriundos de *universos culturais*³³ muito distintos e como esses grupos heterogêneos podiam ser considerados como família, ao ponto de receber doações nas últimas vontades do testador. Se aqui ficam evidentes outros vínculos que não apenas o sanguíneo, como está expresso nos quadros de castas, é fato que os pais administravam valores que iam muito além de suas próprias doações.

³⁰ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0010 - Testamento de Coronel Feliciano Jose da Camara 08/04/1778.

³¹ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0010 - Testamento de Coronel Feliciano Jose da Camara 08/04/1778.

³² Os sentidos sobre educação para o período podem ser agrupados em pelo menos quatro: 1 – Educação como transmissão de valores, cordialidade; 2 – Educação como uma forma de profissão para ganhar dinheiro; 3 – Educação como forma de engrandecimento de Portugal; 4 – Educação como uma forma de aprender uma arte, ciência. Para uma compreensão melhor do sentido de Educação no século XVIII, vale consultar: Angelo (2021b); Fonseca (2009b); Boto (1997; 2015); Carvalho (1963; 1986; 1978); Furtado (2012); Hansen (2000); Morais (2007); Paiva (2000); Villalta (1997; 2011); Villalta, Morais e Martins (2015).

³³ Paiva (2008).

No testamento do padre Bernardo Madeira, vemos uma relação de muita proximidade com sua comadre e seu afilhado, que recebem uma série de legados do padre, e também com seus escravos, o que não parece ser especial, pois os escravos da região parecem ser frequentemente alvo de preocupação dos testadores, como veremos. Porém, antes, é necessário entender a rede familiar em que o testador está inserido: “[d]eclaro que sou natural e baptizado na freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Varge Termo da Villa de Santarem do Patriarcado de Lisboa, filho legitimo de Mathias Madeira e de sua mulher Joanna Colassa ambos já defuntos / /”³⁴. Por ser padre e não declarar relacionamentos e filhos naturais, o religioso acaba por declarar sua alma como universal herdeira, mas isso implica em estabelecer cláusulas pias em relação ao seu parentesco (ritual/espiritual) mais próximo, com sua comadre e afilhado, e isso fica evidente nas passagens a seguir:

Declaro que deixo a meu afilhado Alberto Madeira, crioulo que em minha caza está cem mil reis de esmolla. Deyxo a Madalegna crioula, filha de Jozefa Rodrigues, preta forra outros cem mil reis de esmolla. Deyxo a Bernarda Madeira, crioula, cazada com Domingos Ferreira, crioulo, oitenta mil reis de esmolla.[...]

Tenho hum rancho de pedra cuberto de telha ao pe do Licenciado Bento da Cunha com suas cazas e mais pertences de que sou Senhor e possuhidor há trinta e sete annos, e este rancho e canoas o deixo enquanto for vivo o tal Antonio Mina nomeado atraz para este trabalhar e morar e isto he enquanto o dito for vivo, e por sua morte o deixo ao dito meu afilhado Alberto.

Estas duas moradas de cazas térreas em que vivo, estas ditas cazas as deixo a minha comadre Jozefa Rodrigues, preta forra, que assiste aqui junto comigo, para nellas assistir em que viver e mais suas tres filhas crioulas, a saber Sebastiana, Madaglena, e [Crescencia], faço isso tam somente pello amor de Deos, e por morte dellas todas, tomara posse dellas a Irmandade do Rozario dos Pretos do Alto da Cruz, filial de Antonio Dias / / ³⁵.

Como percebemos, na ausência de familiares de sangue, aqueles que estão por perto são sujeitos dos afetos do testador, ainda que isso represente uma obrigação ética, que reconhecem os bons serviços receberam de alguns de seus escravos, ainda que outros tenham sido libertados como que por uma obrigação. Nesse sentido, o alimentar, o cuidar, o educar que são preocupações presentes nos quadros de castas também é aqui, inclusive, indo muito além das próximas gerações.

Outro testamento que joga luz sobre as relações entre senhores forros e escravos é o de Rosa Gomes, preta forra, natural da Costa da Mina, como nos informa a passagem a seguir:

[d]eclaro que sou natural da Costa da Mina Baptizada em Matris de Nosa Senhora do Pillar desta Villa e fui escrava de Custodio Jose digo de Custodio Jose Gomes que me libertou que me libertou por esta quantia de ouro que lhe dei que consta da carta de liberdade que me deo// Declaro que nunca fui cazada nem tenho nem tive filhos alguns [ilegível] parentes que hajam de suceder meos [ilegível] para cuja certeza basta ser eu da costa da Mina e porção disponho de meos bens como [ilegível]// ³⁶.

³⁴ AEPNSCADOP - Códice 6.12.1 - Testamento do Pabre Bernardo Madeira - 05/06/1756

³⁵ AEPNSCADOP - Códice 6.12.1 - Testamento do Padre Bernardo Madeira, 05/06/1756

³⁶ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0010 - Testamento de Roza Gomes preta forra, 15/05/1790

É bastante interessante que a passagem a seguir parece buscar registrar bons serviços e relações permeadas de vivências afetivas entre senhora e alguns de seus escravos:

[d]eclaro que posuo mais os escravos seguintes huma preta por nome Maria com sua filha por nome Joanna crioula Antonio Angola Caetano mina Damiam Angolla Antonio Mina o qual o deixo forro e liberto como se nascese do ventre livre e pesoa algua poderá contender com elle porque fis o forro como dito tenho e assim mais posuo hum crioulo por nome Teotonio Declaro que o dito meu escravo Antonio Angola he minha vontade e o deicho quartado em preço de noventa e seis oitavas de ouro por tempo de quatro annos em pagamento de tres em tres meses de que tocar Remata e nam pagando tudo o dito tempo meu testamenteiro que aceitar lhe dará mais hum annos e nem assim saptisfazendo será puxado a captiveiro e depois de como o mais// Declaro que da mesma forma e pela mesma condiçam asima de Antonio Angolla quarto o meu escravo Caetano mina por ser meu afilhado na quantia de sicoenta e nove oitavas de ouro//³⁷.

Como podemos observar na passagem anterior a testadora liberta dois de seus escravos por meio do pagamento em prestações trimestrais sem bastante flexível em relação ao prazo para pagamento o que denota um confiança muito grandes nestes dois escravos. Mesmo não tendo filhos, é interessante a preocupação de Rosa Gomes com o futuro das próximas gerações:

[d]eclaro que deixo a meu afilhado Manoel Pardo ingeitado de esmolla sincoenta oitavas de ouro que meo testamenteiro lhe dará quando elle tiver despozição para os receber e entretanto he minha vontade que se concervem em poder de meo testamenteiro que aceitar principalmente sendo o primeiro nomeado e se entretanto falecer o primeiro testamenteiro digo o mesmo testamenteiro disporá a dita quantia e mais nas por sua alma//³⁸.

Uma primeira observação é que Manoel foi caracterizado como pardo, pois normalmente isso não ocorre, já que essa condição só é plenamente possível de ser nomeada se você conhece os pais do enjeitado, o que, pela condição de enjeitado, é impossível. Isso nos sugere que a relação para a criação de uma criança nessas condições esconde outros elementos, como a confiança, consideração e os sentimentos profundos que podem surgir criando-se a criança ou conhecendo o passado do enjeitado. Sendo assim, a criação, formação ou educação dos enjeitados da vila parecia ser levada a sério pela testadora. Este fato nos faz imaginar que existe algo no passado dessa criança que seria mais adequado que ninguém soubesse e, desta forma, eram blindadas essas histórias dos olhares curiosos.

Joao Ferreira da Rocha a quem fará cobrança da sua divida a Camara desta Villa me deve o que constar da criação do exposto Manoel meo testamenteiro tudo cobrara tudo haverá a si para o monte de meos bens e tambem pagará toda as minhas dividas que lhe contar [ilegível] na verdade tudo sem contenda de justiça como sam Antonio da Cunha de Oliveira ou contar do resto de hum credito em que abaterá tres meias de serviço do mesmo escravo procedido do dito credito o que elle dizer; E a Felix Dias Monteiro resto de ouro credito de hum escravo o que constar//³⁹.

³⁷ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0010 - Testamento de Roza Gomes preta forra 15/05/1790.

³⁸ IBRAM/MI/AHCP- LT - 0010 - Testamento de Roza Gomes preta forra, 15/05/1790.

³⁹ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0010 - Testamento de Roza Gomes preta forra 15/05/1790.

Considerando até como um empreendimento, Rosa Gomes estava qualificada para educar alguns enjeitados da vila, pois tinha habilidades de escrita, ao menos, o que certamente trazia vantagens para sua profissão de “educadora”, como destaca a passagem a seguir: “Manoel da Costa Pacheco que este por mim escreveu ditando a via depois de feito o lido pra mim palavra por palavra pelo achar a meu gosto e conforme o ditei o assegnei com o meu nome de quando nesta dita Villa Rica”⁴⁰. Além desse empreendimento, Rosa Gomes parecia estar envolvida em outras atividades econômicas.

Declaro que os bens que de presente possuo sam huma morada de casas térreas em que vivo no córrego seco do morro desta Villa e hum serviço de mina que tenho no dito morro em que trabalho com toda a ferramenta que se achar e tenho mais tres minas ao pe das minhas e declaro que na dita mina em que estou trabalhando tenho constituído no mesmo por meu sócio ao dito Tenete Jose da Cunha Souza Carneiro e nam nos outros// ⁴¹.

Essa passagem denota a forte capacidade empreendedora, típica das mulheres da Costa da Mina. Um testamento importante por apresentar um movimento atípico, mas que pode também representar um movimento nas vivências afetivas do final do século XVIII, ao menos em um setor social, está no testamento de José Felix de Magalhães e Faria.

Declaro que sou Catolico Romano nascido e Baptizado na Villa do Caitê Filho natural do tenente Bernardo de Magalhaens e Faria, e de Maria das Neves, ambos falecidos. Declaro que sou cazado na forma do Sagrado Comcilio Tridentino com Leonor Maria Martins e dentre o nosso Matrimonio temos os filhos Thereza, Bernarda e Joam, aos quais todos juntos instituo meus legitimoz, e Universais herdeiroz ⁴².

Isto é, informa que é filho de um casal que não era casado conforme a recomendação pós-tridentina. Porém mesmo assim se casou na forma como a Igreja Católica recomenda, como bom católico que é, e teve três filhos legítimos. O que surpreende é que nomeia três mulheres, suas parentes, como suas testamenteiras, como indica a passagem a seguir:

[d]eclaro e instituo meus testamenteiros em primeiro Lugar a dita minha mulher Leonor Maria = Em segundo a minha Irmam Leonarda de Magalhaens e Faria = em terceiro a minha Irmam Maria de Magalhaens e Faria, e em quarto ao Ajudante Miguel Dionizio Valle que todos juntos e cada hum per sy possam adeministrar, e arrecadar goardar, e dispor os lemitados bens que pesuo, e os hey por leais[?], e abonados e lhes peso queiram por elar serem meus testamenteiros⁴³.

⁴⁰ IBRAM/MI/AHCP- LT - 0010 - Testamento de Roza Gomes preta forra, 15/05/1790.

⁴¹ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0010 - Testamento de Roza Gomes preta forra 15/05/1790.

⁴² IBRAM/MI/AHCP - LT - 0001 - Testamento de Joze Felix de Magalhaens e Faria 28/05/1788.

⁴³ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0001 - Testamento de Joze Felix de Magalhaens e Faria 28/05/1788.

Seria esse um momento de reflexão no sentido de reconhecer capacidades nas mulheres? Seria esse o efeito de uma família matrifocal, influenciada por uma ancestralidade afro-feminina-brasílica? Quem seria o único homem que aparece entre as demais testamenteiras? Qual o seu vínculo com a família? Parece que a união consensual dos pais de José Félix rendeu outros frutos, suas irmãs, que gozavam de completa confiança por parte do testador, que as nomeou como suas testamenteiras. O grau de confiança em sua mulher era tanto que o próprio testador deixa em responsabilidade dela os preparativos do seu funeral, como indica a passagem a seguir: “[o] meu enterro Funeral, e Sepultura e mais sufrágios deixo todo a Eleiçam de minha molher por esperar ela faça por mim o que eu fizerá por ela, porém sempre com atenção ao Limitado de nossos bens”⁴⁴. Lembrando que para essa época as exequias e demais preparativos pré-morte e pós-morte são fundamentais para a mentalidade do período.⁴⁵

A expressão “por esperar della faça por mim o que eu fizerá por ela”, que, longe de ser muito comum, parece expressar uma reciprocidade na relação marcada profundamente por vivências afetivas presente em um casamento que foi muito feliz, mas não parece ter sido o mais comum para os casamentos da época. No trecho a seguir, José Félix esclarece as relações que tem com suas irmãs quando faz a doação a uma delas:

[e]xcepto as praças mineirae porque trez destas quero fiquem reservadas para ella[sua esposa], e meos filhos// Deixo duas das ditas praças a minha Irmam Maria de Magalhaens e Faria, que de meu falescimento em diante as ficará pessuhindo como suas// E suposto estimo, e prezo muito a minha Irmam Leonarda, nam lhe deyx nada, por nam ter, ella, nam ser carecida./⁴⁶

Portanto, em que pese a relação de estima e consideração que parece ser direcionada às suas irmãs, uma vez que sua irmã Leonarda não precisava ter rendas ou sustento, José Félix doa suas praças minerais apenas para sua Irmã Maria de Magalhães. Ele demonstra consideração pelas duas, mas, no momento, uma só será contemplada por suas cláusulas pias. Mais adiante em seu texto, José Félix revela outras relações marcadas pelo sentimento de família.

Declaro que Instituo a minha molher tutora de meus Filhos, e na sua falta, a qualquer das ditas minhas Irmans por ninguem melhor que ellas Há de Cuidar na boa educação e Criação. Deyxo a minha testamenteyra que dos meus bens mande dizer quatro missas pelas Almas de meus Pais = Encarrego muito a minha molher que por meu falescimento, cuide Logo em fazer hum vestidinho de pano camiza/ e meyas çapatos, e Chapeo, a meu dizcipullo Antonio Joze Duarte = pois inda que o tenho ensinado gratuitamente sustentado e vestido ele, me tem ajudado a adequerir com a sua vós destipule[?] e lhe tenho amor de Pay⁴⁷.

⁴⁴ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0001 - Testamento de Joze Felix de Magalhaens e Faria 28/05/1788.

⁴⁵ Conforme podemos observar em Campos (1994).

⁴⁶ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0001 - Testamento de Joze Felix de Magalhaens e Faria, 28/05/1788

⁴⁷ IBRAM/MI/AHCP - LT - 0001 - Testamento de Joze Felix de Magalhaens e Faria, 28/05/1788

A reconhecer a capacidade de sua esposa e irmãs para terminar a criação de seus filhos, parece haver o reconhecimento de uma vivência povoada de sentimentos positivos que hoje vem à tona às vésperas do falecimento de Joze Felix, que considera a capacidade das mulheres de sua família para cuidar e bem educar a próxima geração. Longe que desconectar de um movimento mais amplo, essa confiança na atuação de mulheres para terminar de educar seus filhos, parece antecipar o processo de autonomização das esferas públicas (racional e masculina por excelência) e privadas (sentimental, íntima e liderada/organizada pelas mulheres) que seria consolidada no século XIX. Mais uma vez as mulheres de confiança dos testados ficam responsáveis por finalizar a educação de seus filhos, bem parecido com o que observamos nos quadros de castas anteriormente trabalhadas⁴⁸.

Além disso, nessa passagem, há o reconhecimento da memória dos que se foram, como os pais de José Felix. Por fim, e mais surpreendente, percebe-se o amor parental em relação a seu pupilo/aluno/aprendiz, o que parece indicar uma relação que vai muito além do ensinar e aprender, sendo uma relação de filiação. Isso também parece indicar que parte do sustento da família vinha da atuação de Joze Felix de Magalhaens e Faria como mestre ou professor, talvez de primeiras letras ou alguma matéria mais avançada ou mesmo de algum ofício ou instrumento musical, já que menciona o seu discípulo que vem ajudando a adquirir patrimônio. Em que pese a incerteza em relação a atuação profissional do testador, com a passagem anteriormente transcrita, fica evidente como as vivências afetivas povoavam as suas relações, mesmo as que tinham caráter profissional, mesmo as que eram perpassadas pela caridade, com o ensino de seus pupilos.

Certamente, muitos outros documentos poderiam ser explorados aqui, porém, devido a limitações de espaço, não é possível abordar outros exemplos. Portanto, procuramos encerrar o presente artigo destacando suas principais contribuições.

Considerações finais

Percebemos, ao longo do trabalho, que a família foi constituída historicamente como um ambiente de construção de sentimentos, mas também de uma hierarquia social. A própria classificação sugerida pelos quadros de castas indica uma tentativa de hierarquizar as famílias marcando, dessa forma, as famílias mais mestiças pela violência, pelo choro e medo das crianças, representando a ira, a raiva, a briga, a súplica da criança para um dos pais em caso de repreensão. Porém, apesar desse enviesamento na representação das famílias, percebemos, também nos quadros de castas e com ajuda da análise dos testamentos mineiros dos Setecentos, que as famílias formam espaços de construção de sentimentos de confiança, carinho, preocupação e de orientação da geração anterior para com a seguinte. Também eram espaços do sorriso, do brincar ou se divertir. Muitas famílias valorizavam o amar, o toque o carinho mútuo. Percebemos a troca de presentes, mimos, flores, a doação de legados para parentes distantes, mesmo aqueles com os quais não se tinha uma relação próxima, ou para pessoas próximas, fisicamente e afetivamente, mesmo aqueles que não eram parentes consanguíneos.

Além disso, os silêncios, as confidências que tinham o papel de blindar, privar as crianças de segredos e sentimentos ruins, como eram compreendidos na época, também demonstram esse cuidado no interior das famílias. Encontramos, nas fontes analisadas, as famílias se divertindo por meio de jogos, brincadeiras, como jogos de carta, por exemplo, músicas e apresentando elementos da cultura erudita ou não para as próximas gerações como um hábito de cultivar seu espírito. Além disso, percebemos o cuidado em torno da alimentação, da formação e da educação das crianças e futuras gerações nas coleções de

⁴⁸ Sobre isso, vale consultar os trabalhos de Julio (2017); Fonseca (2009b); Morais (2012) e Marques (2020).

quadros analisadas e também nos testamentos analisados. Percebemos, ainda, a interação entre irmãos, o que certamente informa as boas ações dos testadores para com seus irmãos e sobrinhos, por exemplo. Podemos mesmo perceber a mobilização do homem prestando alguma ajuda à mulher ou esposa enquanto a criança é amamentada ou cuidada. Se isso fica claro dos quadros de castas, nos testamentos mineiros a divisão dos afazeres domésticos não fica tão clara, mas ainda assim percebe-se a presença dos homens no processo de educação/formação das próximas gerações por meio da doação, algumas vezes como mestres ou professores e do estabelecimento de cláusulas pias que exigiam uma determinada tarefa como tomar estado, ou seja, uma preocupação com a formação moral das próximas gerações está presentes em ambos os documentos: os quadros de castas e os testamentos.

Acerca da centralidade das famílias, que são os filhos ou as crianças, é importante perceber como grupo se mobiliza para garantir que as crianças estejam alimentadas, cuidadas, formadas, educadas, instruídas. Quando os adultos brincam, o que pode ser sugerido por um sorriso da criança, um presente, uma flor, um toque ou um querer tocar meio que como brincadeira, o próprio colo e proteção da mãe para o sono ou para o choro também indicam a centralidade da criança inclusive para o estabelecimento do sentimento de família. A própria tentativa de manter, sustentar os filhos e construir um ambiente estável e seguro para a família indica mudança no universo afetivo no período e nas regiões em destaque. Também isso, está presente quando tios ou padrinhos fazem doações para seus sobrinhos e afilhados, mesmo quando não sabem o nome destes. Pois nem mesmo o tempo e a distância apagam o compromisso ético/afetivo entre as gerações.

Por fim, a mobilização da família em resposta ao choro da criança indica a construção de uma vida familiar permeada por emoções e preocupações em relação às gerações futuras. Esses fenômenos estão alinhados e conectados com as principais tendências da mudança familiar global, particularmente as observadas na Europa. Nesse sentido, o conceito de família que até então poderia incluir parente rituais (afilhados e compadres, por exemplo), parentes mais distantes, agregados, amigos, criados, escravos, tanto na Europa quanto nas Américas, é claramente caracterizado pelos benefícios legados em testamentos. Portanto, o fenômeno da família nas áreas que enfatizamos, urbes das Américas, significava reunir diversas figuras unidas por um sentimento de pertencimento permeada pelas vivências afetivas. Em um contexto de uniões consensuais, as vivências afetivas eram fundamentais na educação e criação das próximas gerações, como buscamos apresentar.

Fontes e referências

Quadros

Figura 1a: LOZANO, Cristóbal (atribuído). *Mulata. Com Español. Produzen. Quarteron de Mulato*. 1751–1800. Pintura a óleo, 97 × 122 cm. Disponível em: <https://ceres.mcu.es/pages/Main>. Acesso em: 4 jun. 2024.

Figura 1b: MAGÓN, Jose Joaquim. *De Español, y Negra, sale Mulato*. 1751=1800. Pintura a óleo. 112x136x4,20cm. Disponível em: <https://ceres.mcu.es/pages/Main>. Acesso em: 4 jun. 2024.

Figura 1c: MAGÓN, Jose Joaquim. *De Mulato, y Mestiza, nace Cuarteron*. 1751=1800. Pintura a óleo. 112x136cm. Disponível em: <https://ceres.mcu.es/pages/Main>. Acesso em: 4 jun. 2024.

Figura 1d: GUIOL, Buenaventura José. *De China y Negro nace Genisara*. 1777. Óleo sobre tela. 62,3x55,2cm. In: MATA, Ana Zabía de La. *Five Casta Painting by Buenaventura José Guiol, a new discovery*. n. 4. Jaime Eguiguren/Eduardo Cohen Studies, 2018. Disponível em: https://jaimeeguiguren.com/usr/library/documents/main/cat_castas.pdf. Acesso em: 4 jun. 2024.

Figura 2a: CABRERA, Miguel. *De Español y mulata, morisca*. 1763. Óleo sobre tela, Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cabrera_Pintura_de_Castas.jpg. Acesso em: 4 jun. 2024.

Figura 2b: CABRERA, Miguel. *De indio y barsina, zambayga*. 1763. Óleo sobre tela. 196x114x4,80cm. Disponível em: <https://ceres.mcu.es/pages/Main>. Acesso em: 4 jun. 2024.

Figura 2c: MAGÓN, Jose Joaquim. *De Español, é Yndia, nace Mestiza*. 1751=1800. Pintura a óleo. 196x136x4,10cm. Disponível em: <https://ceres.mcu.es/pages/Main>. Acesso em: 4 jun. 2024.

Figura 2d: MAGÓN, Jose Joaquim. *Mulato, é Yndia, engendran Calpamulato*. 1751=1800. Pintura a óleo. 196x136cm. Disponível em: <https://ceres.mcu.es/pages/Main>. Acesso em: 4 jun. 2024.

Figura 3a: GUIOL, Buenaventura José. *De Español y Morisca nace Albina*. 1777. Óleo sobre tela. 62,3x55,2cm. In: MATA, Ana Zabía de La. *Five Casta Painting by Buenaventura José Guiol, a new discovery*. n. 4. Jaime Eguiguren/Eduardo Cohen Studies, 2018. Disponível em: https://jaimeeguiguren.com/usr/library/documents/main/cat_castas.pdf. Acesso em: 4 jun. 2024.

Figura 3b: ISLAS, Andrés de. [sem título]. 1774. Óleo sobre tela. 75x54m. Disponível em: <https://ceres.mcu.es/pages/Main>. Acesso em: 4 jun. 2024.

Figura 3c: LOZANO, Cristóbal (atribuído). *Mulata. Yndios Serranos Tributarios Civilizados Yden*. 1751=1800. Pintura a óleo. 97,2x123cm. Disponível em: <https://ceres.mcu.es/pages/Main>. Acesso em: 4 jun. 2024.

Figura 3d: MAGÓN, Jose Joaquim. *El Mestizo*. [s.d.]. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Joaqu%C3%ADn_Mag%C3%B3n#/media/File:Jos%C3%A9_Joaqu%C3%ADn_Mag%C3%B3n_-_El_Mestizo.jpg. Acesso em: 24 jun. 2024.

Fontes manuscritas

No Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias de Ouro Preto (AEPNSCADOP):

AEPNSCADOP - Códice 6.12.1 - Testamento do Padre Bernardo Madeira, 05/06/1756.

No Instituto Brasileiro de Museus/ Museu da Inconfidência/ Arquivo Histórico Casa do Pilar (IBRAM/MI/AHCP):

IBRAM/Museu da Inconfidência/Casa do Pilar - LT - 0010 - Testamento de Antonio da Silva Maya 05/08/1785.

IBRAM/Museu da Inconfidência/Casa do Pilar - LT - 0010 - Testamento de Coronel Feliciano Jose da Camara 08/04/1778.

IBRAM/Museu da Inconfidência/Casa do Pilar - LT - 0010 - Testamento de Roza Gomes preta forra, 15/05/1790.

IBRAM/Museu da Inconfidência/Casa do Pilar - LT - 0001 - Testamento de Joze Felix de Magalhaens e Faria 28/05/1788.

Referências

ANGELO, Fabrício Vinhas Manini. *Herdeiros: O papel da família na educação dos seus descendentes em Minas setecentista*. Jundiaí: Paco Editorial, 2021a.

ANGELO, Fabrício Vinhas Manini. “*Pelo muito amor que lhe tenho*”: a família, as vivências afetivas e as mestiçagens em Minas no Século XVIII. Jundiaí: Paco Editorial, 2021b.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Orgs.). *Sexualidades ocidentais: contribuição para a história e a sociologia da sexualidade*. São Paulo: brasiliense, 1985.

BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo 2: as mestiçagens*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

BOTO, Carlota. *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. (Encyclopaidéia).

BOTO, Carlota. O curso de medicina da universidade pombalina: ciência e pedagogia no Iluminismo português. In: FONSECA, Thais. N. L. E.(Org). *As Reformas Pombalinas no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus editora, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007a. (Coleção Estudos)

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013b.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Herdeiros: os estudantes e sua cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A terceira devoção dos setecentos mineiros: o culto a São Miguel e Almas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1994. (Tese, doutorado).

CARVALHO, Rômulo de. *Apontamento sobre Martinho de Mendonça de Pina e de Proença*. Ocidente, Lisboa, v. 65, 1963.

CARVALHO, Rômulo de. *História do ensino em Portugal desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

CARVALHO, Laerte Ramos de. *As reformas pombalinas da instrução pública*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Saraiva S/A. 1978.

CERCEAU NETTO, Rangel. *Um em casa de outro*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFGM, 2008. (Coleção Olhares).

CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, George. Introdução Geral. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, George. *História das Emoções: 1. Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

CUNHA, Paola Andrezza Bessa. Práticas educativas no século XVIII: as associações religiosas leigas dos homens pardos. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 6., 2006, Uberlândia. Anais... Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 1266-1276.

CUNHA, Paola Andrezza Bessa. Educação moral e religiosa nas associações religiosas leigas na Minas colonial. In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS. 4., 2007, Juiz de Fora. Anais... Juiz de Fora: Produtora de Multimeios da UFJF, 2007. p. 12-25.

CUNHA, Paola Andrezza Bessa. Educação Moral e Discurso Pedagógico nas Associações Religiosas Leigas - Minas Gerais, séculos XVIII e XIX. In: VAGO, Tarcísio Mauro; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson (org.). *Histórias de Práticas Educativas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 41-57.

DIAS, Maria Odila Silva. Aspectos da ilustração no Brasil. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. n. 278. 1968.

DIAS, Maria Odila Silva. A interiorização da Metópole (1808-1853). In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

DOMINGUES, Angela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde*. Vol. VIII (suplemento), 2001. pp.823-838. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702001000500002>.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). *História e historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. “Segundo a qualidade de suas pessoas e fazenda”: estratégias educativas na sociedade mineira colonial. *Varia História*, v. 22, p. 175-188, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752006000100010>.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. Instrução e assistência na Capitania de Minas Gerais: das ações das câmaras às escolas para meninos pobres (1750-1814). *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, p. 535-544, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000300009>.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. História da Educação no Brasil: abordagens e tendências de pesquisa. *LPH (UFOP)*, v. 19, p. 08-41, 2009a.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *Letras, ofícios e bons costumes: civilidade, ordem e sociabilidades na América portuguesa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Oráculos da Geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean Baptiste Bourguignon D’Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GENOVESE, Eugene D. *Da Rebelião à Revolução: as revoltas de escravos negros nas Américas*. São Paulo: Global, 1983.

GORGULHO, Talitha Maria Brandão. “*Aos órfãos que ficaram*”: estratégias e práticas educativas dos órfãos de famílias abastadas na Comarca do Rio das Velhas (1750-1800). 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

GORGULHO, Talitha Maria Brandão. *A educação como herança das elites coloniais em três comarcas da capitania de Minas Gerais: Rio das Mortes, Rio das Velhas e Vila Rica (1756-1809)*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 175-195, mar. 2001b. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X002002007>.

GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo: história de uma mundialização*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Edusp, 2014.

GUIMARÃES, Carlos Magno. Quilombos e brecha camponesa. *Revistas do Departamento de História*, Belo Horizonte, n. 8, p. 28-37, 1989.

GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração, Quilombos e Palmares. In: REIS, João José; GOMES, Flavio dos Santos. *Liberdade por um fio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 154-173.

HANSEN, João Adolfo. Civilização pela Palavra. In: Lopes, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Coleção Historial, 6). pp. 43-60.

JULIO, Kelly Lislie. Os espaços de sociabilidade como importante ambiente onde se aprende e ensina através das indumentárias e adereços (1808 -1840). In: VAGO, Tarcísio Mauro; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de (org.). *História de Práticas Educativas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 58-80.

JULIO, Kelly Lislie. “*Os tem tratado e educado*”: as mulheres e suas ações para a manutenção da família e a educação de menores no Termo de Vila Rica, MG (1770-1822). 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LOTT, Mirian Moura. *Na forma do ritual romano: casamento e família em Vila Rica (1804-1839)*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG, 2008.

MARQUES, Nelian Karolina Belico. *Educando e criando órfãos e expostas em Vila Rica e seu termo (1750-1800)*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

MORAIS, Christiani Cardoso. Ler e escrever: habilidades de escravos e forros? (Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais, 1731-1850). *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, p. 493-504, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000300008>.

MORAIS, Christiani Cardoso. Livros de uso escolar nas aulas públicas de Portugal e ultramar durante o período de atuação da Diretoria-geral de estudos (1759-1771). In: FONSECA, Thais Nivia de Lima e. (Org). *As Reformas Pombalinas no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org.). *Pierre Bourdieu, Escritos de Educação*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo Cultural na Colônia*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

PAIVA, Eduardo França. Trânsito e mobilidade entre mundos: Escravidão globalizada comércio e práticas culturais. In: FURTADO, Júnia Ferreira (Org.). *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica: Europa América e África*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig; PPGH/UFMG, 2008. (Coleção Olhares).

PAIVA, Eduardo França. *Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII – Estratégias de resistências através dos testamentos*. São Paulo: Annablume, 2009.

PAIVA, Eduardo França, *Dar nome ao novo: uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagem e o mundo do trabalho)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015a.

PAIVA, Eduardo França. “Usos e costumes da terra”: o viver e o sentir nos relatos testamentais e nos inventários *post-mortem* das Minas Gerais setecentistas. In: GUEDES, Roberto; RODRIGUES, Cláudia; WANDERLEY, Marcelo da Rocha (Orgs.). *Últimas vontades: testamento, sociedade e cultura na América Ibérica (século XVII e XVIII)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015b. p. 335-360.

PAIVA, Eduardo França; ANASTASIA, Carla Maria Junho (Orgs.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver, séculos XVI a XIX*. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2002.

PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira (Orgs.). *Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFGM, 2006.

PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira. (Orgs.). *Escravidão, mestiçagem e história comparadas*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFGM; Vitória da Conquista: Edunesb, 2008. (Coleção Olhares).

PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira; MARTINS, Ilton Cesar. *Escravidão, mestiçagens, populações e identidades culturais*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFGM; Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2010. (Coleção Olhares).

PAIVA, Eduardo França; CERCEAU NETTO, Rangel. Uma mamaluca poderosa entre Itú e Pitangui no início do século XVIII. In: CATÃO, Leandro. (Org.). *Pitangui colonial. História & Memória*. 1. ed. Pitangui: Arquivo de Pitangui, 2011, v. 1, p. 133-154.

PAIVA, José Maria de. A educação jesuítica no Brasil Colonial. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Coleção Historial, 6). pp. 19-42

PAULA, Leandro Silva de. *O papel dos tutores na educação e na inserção social de órfãos no Termo de Mariana (1790-1822)*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ROSENWEIN, Bárbara Herstein. *História das Emoções: problemas e métodos*, São Paulo: Letra e Voz, 2011.

RUSSELL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. v.3. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

SANTELLI, Ricardo Leme. Representações de mestiços nos quadros de mestiçagem hispano-americanos do século XVIII. *Revista Ars Historica*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 83-103, jan./ jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/45555>. Acesso em: 28 maio 2024.

SILVA, Solange Maria da. *Estratégias e práticas educativas dos negros na Comarca do Rio das Velhas, século XVIII*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected histories: notes towards a reconfiguration of early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, v.31, n.3, p.735-762, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0026749X00017133>.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. [Entrevista cedida a Ângela Barreto Xavier e Catarina Madeira Santos]. 10 out. 2013. Disponível em <https://journals.openedition.org/cultura/904#quotation>. Acesso em: 04 maio 2019.

VEIGA, Cynthia Greive. *Subalternidade e opressão sociorracial: questões para a historiografia da educação latino-americana*. São Paulo: Editora Unesp/SBHE, 2022. (Coleção Diálogos em História da Educação).

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 1, p. 331-385.

VILLALTA, Luiz Carlos. A reforma pombalina na universidade de coimbra. In. FONSECA, Thais. N. L. E.(Org). *As Reformas Pombalinas no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

VILLALTA, Luiz Carlos; MORAIS, Chistiani Cardoso.; MARTINS, João Paulo. As Reformas Pombalinas e a Instrução (1759-1777). In. FALCON, Francisco; RODRIGUES, Cláudia. (Orgs.). *A “Época Pombalina” no mundo luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. pp.453-498.

ZUBIRI, Xavier. *História da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.